

**CHE SEM IBOPE**

A vida de Che Guevara, o revolucionário argentino que lutou ao lado de Fidel Castro durante a Revolução Cubana já foi objeto de dezenas de livros e filmes que esmiuçaram sua trajetória singular. Apesar de todas as contradições e erros cometidos por Ernesto Guevara em sua breve passagem pelo mundo, penso que o saldo de sua vida libertária continua positivo. Foi por este motivo que, ao assumir a secretaria de Planejamento da Prefeitura de Franca, coloquei em meu gabinete o poster de um seminário que nem lembro mais sobre o que era trazendo a icônica imagem do Che Guevara capturada pelas lentes do fotógrafo cubano Alberto Korda. Eram outros tempos, a gente nem fazia ideia que existia tanto fascista ou simpatizante da ditadura militar à solta. O Che ficou pendurado na parede do primeiro ao último dia do mandato, na minha sala de trabalho por onde passaram autoridades, empresários, cidadãos, vereadores de todos os matizes ideológicos, políticos em geral e nunca recebi reclamação alguma.

Só muitos anos depois soube por um amigo que um funcionário da secretaria, admirador da ditadura militar, detestava ir até minha sala, pois quando via o Che na parede se retorcia de raiva, chegava a espumar pela boca de ódio do “comunista”.

De qualquer modo, era um Che onipresente nas reuniões da secretaria, escancarado para quem quisesse ver. Coisas do século passado, acho que hoje nem seria permitido, daria tanta confusão que seria melhor evitar. Mas o mais engraçado, em relação ao Che, aconteceu com outro amigo, o Greguinho, que trabalhava na Rádio Hertz no final dos anos 60 quando havia rígida censura à imprensa pela ditadura. O acontecido foi tão interessante quanto o show que, muitos anos depois, o Belchior fez na rua pra inaugurar a unidade do SENAC onde Greguinho trabalhou enquanto serviam churrasco e música para o povo.

Anos 60. Reny Parzewiski e Greguinho eram responsáveis por um programa musical de música popular na Rádio Hertz. Um belo dia, receberam um disco do Sérgio Ricardo, cantor e compositor ligado ao CPC da UNE, de esquerda e contrário à ditadura, que estava bombando nos festivais. Era um compacto simples novo, que trazia de um lado a música “Aleluia”, cantando que Che Guevara não morreu, composta pelo próprio Sérgio Ricardo. Na verdade, o disco foi recolhido pela censura da ditadura uma semana após o lançamento, dando prejuízo enorme ao cantor e à gravadora. Um dos discos escapou dos censores e veio parar na Franca.

Os dois colocaram a música pra tocar, sem atentar para o fato que a censura poderia ir para cima da Rádio Hertz e deles, um perigo naquela época em que as pessoas simplesmente desapareciam, mortas e torturadas pela ditadura. Quando se deram conta da “letra subversiva”, era tarde demais. Alguém disse para eles: “felizmente, ninguém ouviu o seu programa, não vai dar problema algum”. De fato, IBOPE zero, ninguém atentou para letra e música. O único que ouviu foi o Magno Dadonas, que ligou pra emissora e cumprimentou os dois pelo bom gosto musical. Para quem quiser ouvir, <https://www.letras.mus.br/sergio-ricardo/520630/>

Mauro Ferreira é arquiteto